

Assunto: Infância

Periódico: Correio Brasileiro

Data: 08/06/1996

Caderno: Mundo

A INFÂNCIA NAS RUAS

Segundo o Unicef, existem 100 milhões de meninos de rua no mundo. A América Latina abriga mais de um terço deles: 40 milhões

Istambul — Eles estão espalhados por todo o planeta e representam um problema social muito grave. Muitos partem para a criminalidade ou acabam se prostituindo para sobreviver, sob a exploração dos adultos.

Ontem, durante a conferência Habitat II, em Istambul, apareceram números preocupantes. Segundo dados divulgados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), existem 100 milhões de meninos de rua no mundo, dos quais 40 milhões vivem na América Latina, 25 milhões na Ásia, 10 milhões na África e o restante em outras regiões, incluindo as metrópoles dos países ricos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou há cinco anos programas dedicados a essas crianças em

países em desenvolvimento, beneficiando o Rio de Janeiro (Brasil), Cidade do México (México), Tegucigalpa (Honduras), Cairo (Egito), Lusaca (Zâmbia), Bombaim (Índia) e Manila (Filipinas).

Andrew Ball, que dirige esse projeto da OMS, disse ontem durante o encontro que discute o futuro das cidades (Habitat II), a ser encerrado no próximo dia 14, que o sucesso do projeto permitiu estendê-lo a outros 20 países, entre eles Bolívia, Colômbia, Paraguai e Nicarágua.

ADVERTÊNCIA

Segundo os dados da OMS divulgados em Istambul, a cada ano 12 milhões de meninos morrem no mundo antes de completar cinco anos, a maioria deles antes de completar o primeiro ano, e por doenças

causadas por desnutrição.

“As cidades devem ser de todos ou não serão de ninguém, e não haverá futuro, nem na América Latina, nem no mundo, se não começarmos a pensar que as cidades são de todos”, afirmou o mexicano Enrique Ortíz, presidente da Coalizão Internacional do Habitat (CIH), em Istambul.

“Enquanto continuarmos fazendo essas diferenças de que uns são legais, outros ilegais, uns participam no mercado e outros são excluídos, não haverá futuro para ninguém”, ressaltou Ortíz.

Segundo o dirigente da CIH, que engloba mais de 80 organizações em 60 países, “a violência social que os modelos econômicos elitistas estão provocando nas cidades fazem todos sofrer”.

“Todos somos assaltados nas ruas das cidades, do miserável ao milionário, passando pelos setores médios. Portanto, já estamos começando a viver esta situação de que a cidade será de todos ou de ninguém”, explicou Ortíz, ex-vice-mi-

nistro da Fazenda do México.

“Outra coisa com que todos nós sofremos é a poluição, causada por um sistema que pensa mais no acúmulo de alguns do que no bem-estar de todos”, declarou o chefe da mais forte das Organizações Não-Governamentais (ONGs) que atuam no setor habitacional.

“Por isso, reclamamos o direito de todos à cidadania, porque é nesse território que confluem os demais direitos: econômicos, políticos e sociais. Na América Latina, a luta por esse direito é estratégica. Passa evidentemente pelo direito à moradia. Até na França, se uma pessoa não tem casa, se não tem um endereço, não pode tirar o título de eleitor, ou seja, está privado de seus direitos civis”, acrescentou.

“A cidadania é o direito de ser diferente, de construir sua casa como você quer, de acordo com o seu modo de viver, com a sua cultura. É também o direito de desfrutar da cidade, da qualidade de vida. Não se deve pensar apenas em alojamento para pessoas”, concluiu Ortíz.